

O que aconteceu com os 75 mil judeus deportados de França?

por [Carl O. Nordling](#)

De acordo com o relatório redigido por Richard Korherr, em março de 1943 (Documento NMT, NO 5193-5196), a população judaica em França, em 1937, era de, pelo menos, 280.000 judeus. Na primeira fase da 2ª Guerra Mundial, judeus de outros países, especialmente da Polónia e da Bélgica, refugiaram-se em França. A ata da Cimeira de Wannsee indica o número total de judeus em França, em 1942: aproximadamente 865.000, número provavelmente muito exagerado. A maior parte dos judeus com cidadania francesa, já nascidos em França, não foi perseguida, mas cerca de 75.000 judeus, na sua maioria estrangeiros, foram deportados a partir de Março de 1942. Alguns destes deportados foram registados em Auschwitz, outros não. Além deste registo, quase nada se sabe sobre o seu destino. A ideia comumente aceite é a de que 97% deles foram assassinados, tendo morrido em câmaras de gás. O artigo a seguir analisa a legitimidade desta última afirmação. Este artigo baseia-se apenas em fontes geralmente reconhecidas e consideradas legítimas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, cerca de 75 mil judeus, de várias nacionalidades, foram deportados de França pelos alemães. A sua identificação, e respetivas datas de nascimento, são conhecidas e foram publicadas num livro publicado por Serge Klarsfeld.^[1] Este livro indica o número de sobreviventes conhecidos em cerca de 2.566, que é o número determinado pelo Ministério dos Veteranos de Guerra, baseado no número de deportados sobreviventes, em França, em 1945. No entanto, Serge Klarsfeld acredita que:

“por exemplo, judeus polacos ou judeus apátridas que viviam na Bélgica, e mais tarde deportados de França, onde procuraram refúgio, não se terão apresentado às autoridades francesas, após a libertação.”

Apesar disso, Serge Klarsfeld estima que o número total de sobreviventes, em 1945, não excedeu os 2.600. Relativamente a cada comboio que saiu de França, o livro de Klarsfeld fornece o número de judeus deportados que foram registados em Auschwitz à chegada. Os demais, segundo o mesmo autor, são contabilizados como tendo sido assassinados nas câmaras de gás de Auschwitz. Ver quadro com título “Número de gaseados na chegada ao destino” (Tabela III).

Neste artigo analisaremos como foi relacionada a percentagem de sobrevivência dos judeus deportados com a ausência de registos, assim como, com a nacionalidade dos respectivos deportados. No entanto, parece ser mais lógico considerar estabelecer uma relação de causalidade entre as deportações com o curso do esforço de guerra alemão e com a política de trabalho forçado imposto na Alemanha.

A deportação de judeus de França iniciou-se dois meses depois da conhecida conferência política sobre a Solução Final para o problema judaico, realizada em Gross-Wannsee, em Janeiro de 1942. Neste período não havia escassez de mão-de-obra que exigisse a alteração das decisões recentes, decididas em Wannsee, sobre o alegado extermínio de certos grupos de pessoas. A 15 de Março de 1942, Hitler declarou que o Exército Alemão tinha suportado o Inverno mais duro de sempre e que ele estava decidido a esmagar, de vez, o “Monstro Bolchevique”. É certo que as decisões políticas de Gross-Wannsee ainda estavam em vigor a 27 de Março, quando o primeiro comboio com 1.112 judeus do sexo masculino deixou França com destino a Auschwitz. Notamos que cada um dos 1.112 judeus deportados foi tatuado, na chegada a Auschwitz, com um número pessoal, correspondendo aos seguintes registos: de 27.533 a 28.644. Serge Klarsfeld, portanto, apelida-os de “Selecionados para trabalho forçado no destino”. Com efeito, é provável que tenham sido colocados para trabalhos forçados porque tinham entre 18 e 60 anos.

Mas, com ou sem trabalho, a numeração certamente indica que *não tinha sido* prescrita que a maioria dos deportados, de cada comboio, deveria ser gaseada, até a morte, na chegada a Auschwitz. Após este primeiro comboio, seguiu-se um intervalo de dois meses antes que as deportações da França fossem retomadas. De 5 a 28 de junho, mais de 4.000 judeus foram enviados de França em quatro comboios. Mais uma vez, todos os deportados foram registados, tendo sido tatuados, incluindo as 66 mulheres do Comboio Nº 3. Após uma pausa de 16 dias, um processo sistemático de deportação em grande escala começou a 17 de julho e continuou até 30 de setembro de 1942. Durante essas 11 semanas, cerca de 33.000 judeus de ambos os sexos foram deportados de França. Nos primeiros oito destes comboios, menos de 8 por cento foram registados em Auschwitz, sem lhes terem sido atribuídos um número de tatuagem. No entanto, a partir de 3 de agosto, a prática de numeração foi mais ou menos invertida: apenas 37%, dos 33 mil que chegaram a Auschwitz, foram registados. A Tabela III do livro de Klarsfeld afirma que os restantes – cerca de 20.800 homens e mulheres – foram “gaseados à chegada”. Mas numa nota, na mesma Tabela III, lemos que durante parte do período em questão, “a seleção [para o trabalho] da maioria dos homens fisicamente aptos ocorreu antes da chegada a Auschwitz”. Assim, um grupo de 3.056 deportados, em 1942, foi registado em Auschwitz apenas a 1 de Abril de 1944 (números 176.512 a 179.567). Por outras palavras, estes 3.056 judeus sobreviveram a uma detenção de cerca de 18 meses antes de serem finalmente registados como prisioneiros de Auschwitz. Obviamente, não podemos saber quantos deportados, sem registo, morreram ou foram libertados.

No início de outubro de 1942, aparentemente, os alemães terão ficado sem prisioneiros judeus destinados à mão de obra forçada. Foi necessário intensificar as prisões de judeus residentes em França para manter o esforço militar da indústria germânica. Laval, primeiro ministro francês, recusou e os alemães aceitaram a decisão. Consequentemente, o processo de deportação diminuiu drasticamente. Durante todo o período restante da guerra, menos judeus foram deportados de França do que os já capturados antes de Outubro de 1942.

Nesta altura, a situação da mão-de-obra na Alemanha não tinha mudado significativamente. Nada aconteceu depois de julho de 1942 que justificasse o desperdício de mão de obra

utilizada. Prudentemente ter-se-ia ainda apelado à exploração de todos os homens e mulheres, fisicamente aptos, quer fossem destinados ao extermínio final ou não. Apenas cerca de 4.000 dos 33.000 deportados, durante o “boom” da deportação, tinham uma idade, acima ou abaixo, do que poderia ser considerado apto para o trabalho. Considerando todas estas circunstâncias, parece altamente improvável que os alemães começassem, subitamente, a matar deportados na chegada a Auschwitz. E se a numeração (registo) dos detidos tivesse significado a selecção para o trabalho, teríamos esperado cerca de 88 por cento de registados, em vez de 37 por cento, ou seja, de 33.000 deportados, 29.000 teriam sido registados. Certamente pode ter havido razões para não registar os prisioneiros em Auschwitz que não tenha sido a suposta morte nas câmaras de gás.

A partir de Outubro de 1942, e até ao fim da ocupação de França, a taxa de deportação caiu para menos de dois comboios por mês, em média. Mas, ao mesmo tempo, a situação da mão-de-obra deteriorou-se rapidamente e tornou-se efectivamente crítica em Janeiro de 1943, quando a derrota de todo o Sexto Exército em Estalinegrado estava iminente. Em 28 de Janeiro de 1943, Hitler instituiu o trabalho obrigatório para todos os homens e mulheres alemães em determinados escalões etários. Um mês depois, proclamou a “mobilização total” da força de trabalho de todos os países ocupados, à excepção da Dinamarca. Esta escassez de mão-de-obra, oficialmente reconhecida, teria sido uma forte razão para aliviar quaisquer ordens rigorosas de extermínio imediato que pudessem ter resultado da conferência de Gross-Wannsee. Se os números dos registos tivessem sido usados, exclusivamente, para todos os que foram seleccionados para o trabalho forçado, teríamos esperado uma proporção maior de registos a partir de Fevereiro de 1943. Nada disso aconteceu. Pelo contrário, notamos uma percentagem extremamente baixa (10 por cento) de números de registos, em Fevereiro e em Março de 1943. Esta situação deve ser comparada com os 93 por cento dos prisioneiros registados, na Primavera anterior, quando a situação da mão-de-obra ainda não era considerada motivo de preocupação.

Todo o padrão de registo em Auschwitz, em 1942 e em 1943, vai contra a narrativa de que a falta de registo significava morte por gaseamento na chegada a este campo de concentração. Provavelmente as inúmeras pessoas, não registadas, tenham sido simplesmente enviadas para alguns dos campos de trabalhos forçados mais pequenos e que estavam subordinados a Auschwitz ou, em alguns casos, talvez até para “campos de protecção” como aquele para onde Viktor Frankl foi enviado de Auschwitz depois de ter sido feita uma determinada “selecção”. Frankl diz que os seus camaradas deploraram a sua partida, pensando que ele tinha sido enviado para uma câmara de gás.[2]

De qualquer forma, é bem sabido que alguns dos detidos de Auschwitz foram enviados para estes campos adjacentes, mas subordinados a Auschwitz, depois de alguns dias, ou semanas, em Auschwitz. Os subcampos dificilmente poderiam ter ficado lotados somente com os poucos que foram transferidos, após um período em Auschwitz. O procedimento expedito teria sido, certamente, enviar os deportados directamente para lá, ou após uma selecção sumária na plataforma ferroviária de Auschwitz.

A insustentabilidade da teoria de que a falta do número de registo significava morte por gaseamento imediato é reconhecida também no livro de Klarsfeld, na página xxvii:[3]

“O calendário de Auschwitz não mostra nenhuma mulher selecionada para trabalhar [ou seja, nenhuma mulher recebeu números] do Comboio 71, indicando que todas as mulheres foram gaseadas. No entanto, contamos com 70 mulheres sobreviventes deste comboio, incluindo Simone Jacob, mais tarde Simone Weil.”

Nacionalidades

Vejamos agora as nacionalidades dos judeus deportados de França nas diversas fases do processo de deportação.

Como podemos ver na tabela 1, o registo sofreu uma mudança significativa após os primeiros 13 comboios com cerca de 13 mil deportados. A alteração ocorrida traduziu-se no registo da quase totalidade de deportados, na sua fase inicial, para o registo de apenas uma minoria daqueles que foram enviados para Auschwitz. A atitude dada aos deportados parece ter sofrido outra mudança posteriormente. Após uma pausa de três meses nas deportações, na Primavera de 1943, notamos um aumento significativo no número de sobreviventes conhecidos, de 1,5% para 6,9% dos deportados dos últimos transportes. Contudo, isto não significa necessariamente uma alteração correspondente nas taxas reais de sobrevivência. Como Klarsfeld afirmou, houve certamente sobreviventes polacos, e outros, que não se apresentaram no Ministério dos Veteranos de Guerra Francês, após a libertação. A mudança pode, portanto, ter algo a ver com esse fenómeno.

Concluindo, a partir do que é reportado pela *Enciclopédia Judaica* sobre Auschwitz, nomeadamente sobre os seus detidos, cerca de 15 por cento dos que foram *registados* teriam sobrevivido ao campo e à sua evacuação em janeiro de 1945. Estamos aqui a falar de 28.754 judeus deportados de França, e que foram registados, e não dos 400.000 registados em Auschwitz, provenientes de todos os países. Mas em vez dos esperados 15 por cento de sobreviventes, encontramos apenas 8,9 por cento – assumindo agora que apenas os reclusos registados *poderiam* sobreviver. A suposição não é, como vimos, provável. Temos razões para pensar que os deportados não registados foram tratados da mesma forma que os registados. Se todos os sobreviventes tivessem sido prisioneiros registados em Auschwitz, no caso concreto da população feminina, representariam, sensivelmente, 40,8 por cento de todas as mulheres registadas nos últimos 23 comboios (Grupo III, *tabela 1*). Uma proporção tão elevada de sobreviventes é inédita no caso de Auschwitz. Devemos necessariamente procurar outra explicação que permita a aceitação, óbvia, de sobreviventes entre os deportados não registados, bem como entre aqueles que foram registados.

Quadro 1: destino dos judeus deportados de França para os Campos de Concentração alemães

Grupo nº	Sexo	Nº de deportados (coluna 1)	Nº de não registados (coluna 2)	Nº de registados (coluna 3)	Sobreviventes conhecidos (coluna 4)	Coluna 4 em % da coluna 3 (coluna 5)	Coluna 4 em % da coluna 1 (coluna 6)
I (de 27 Mar.,1942 a 7 Jul., 1942)	masculino	9583	628	8955	337	3.8	3,5
	feminino	3366	22	3344	7	0.2	0.2
	total	12949	650	12299	344	2.8	2.7
II (de 3 de Agosto 42 a 25 mar. de 43)	masculino	20716	14569	6147	545	8.9	2.6
	feminino	18154	15022	3132	25	0.8	0.14
	total	38870	29591	9279	570	6.1	1.5
III (de 23 Jun. 43 a 17 agosto de 44)	masculino	12851	7836	5015	771	15.4	6.0
	feminino	11050	8889	2161	881	40.8	8.0
	total	23901	16725	7167	1652	23	6.9
I, II e III totais	masculino	43150	23033	20117	1653	8.2	3.8
	feminino	32570	32933	8637	913	10.6	2.8
	total	75720	46966	28754	2566	8.9	3.4

Já referimos a citação de Klarsfeld no que respeita à probabilidade dos judeus polacos, na altura residentes em França, poderem ter-se comportado de forma diferente dos judeus franceses após a libertação. Como sabemos, havia cerca de 52 mil judeus estrangeiros entre os 75.720 que foram deportados da França. Apenas cerca de 24.000 eram cidadãos franceses. Se 15% de ambas as categorias sobrevivessem (como provavelmente sobreviveram), seriam 7.800 e 3.600, respectivamente. O que eles teriam feito após a libertação? Os judeus estrangeiros, em muitos casos, já não esperavam encontrar um lar em França. Eles certamente ouviram falar sobre o confisco de propriedades judaicas. Nem esperavam encontrar parentes e amigos em França – essas pessoas tinham sido, na sua maioria, deportadas como eles. E finalmente, a França foi o país onde eles procuraram refúgio dos nazistas, e este mesmo país acabou por entregá-los ao inimigo. Certamente havia países melhores para eles do que França, depois do que aconteceu. Parece razoável esperar que 90 por cento, ou perto disso, dos sobreviventes estrangeiros se deslocassem para outros países que não a França. Portanto, dificilmente podemos esperar conhecer mais de 10% dos judeus estrangeiros, que realmente sobreviveram, e sejam conhecidos como sendo sobreviventes, ou seja, que foram registados pelas autoridades francesas e, portanto, sejam do conhecimento de Serge Klarsfeld.

E quanto aos sobreviventes franceses ? O que fariam depois da libertação? Alguns dos cidadãos franceses entre os deportados eram, na verdade, filhos de pais estrangeiros. A sua cidadania formal deveu-se ao facto de terem nascido em França. Se essas crianças sobrevivessem à deportação, naturalmente regressariam aos países de origem dos pais. Muitos adultos judeus franceses também podem ter optado por procurar um novo domicílio após a guerra. Eles também foram traídos pelo governo francês, e alguns deles podem ter ficado amargurados com o país por causa dessa circunstância. Além disso, muitos judeus franceses não nasceram franceses; eles tinham emigrado cedo, o suficiente, para se tornarem cidadãos franceses antes da ocupação alemã. Já tinham mudado de nacionalidade uma vez, porque não fazê-lo novamente? Considerando todos estes aspectos, parece razoável supor que apenas cerca de metade do número de sobreviventes franceses se reportaria ao Ministério dos Veteranos de Guerra em 1945.

Portanto, se 15 por cento de todos os deportados realmente sobrevivessem, deveríamos esperar encontrar 7,5 por cento dos deportados franceses e 1,5 por cento dos deportados estrangeiros, de França, entre os sobreviventes conhecidos. Isso daria 1.800 e 776 respectivamente, ou 2.576 no total. O livro Klarsfeld relata 2.566.

Esta concordância quase exata entre os números esperados, e os reportados, é, obviamente, pura coincidência. Assim que contamos as percentagens de sobreviventes conhecidos para os três períodos principais, encontramos um padrão menos regular, ver *Quadro 2*. Os membros dos primeiros, e dos últimos, comboios tinham obviamente uma probabilidade muito maior de sobrevivência do que os deportados entre Agosto de 1942 e Março de 1943. Até agora, não temos explicação para esta irregularidade.^[4] Tudo o que podemos dizer é que muito poucos regressaram vivos (e foram registados) dos que foram enviados para Majdanek e Sobibor, mas isso não explica toda a diferença. Alguns comboios de Auschwitz tiveram números de sobreviventes conhecidos muito baixos (cerca de 0,5%). Por outro lado, foi possível constatar a suposição de que os judeus franceses tinham cinco vezes mais probabilidade, do que os judeus estrangeiros, de se declararem sobreviventes após a guerra. Acontece que sete dos 13 comboios do primeiro grupo (Grupo I) continham apenas judeus estrangeiros, e destes, exatamente 2,15 por cento, foram registados como sobreviventes após a guerra. Isto significa que 8,7% dos deportados franceses, do Grupo I, tenham sido declarados sobreviventes, a fim de compensar o número total de 344 sobreviventes conhecidos. Consequentemente, a preponderância do regresso dos franceses, a França, parece ter sido quatro a cinco vezes maior, em comparação com a tendência de regresso dos estrangeiros que viviam em França antes de serem deportados. No entanto, o padrão geral presumido é confirmado por esta observação, independentemente dos valores numéricos precisos.

Quadro 2: Judeus deportados de França por nacionalidade e sobreviventes registados

nº grupo	coluna 1	coluna 2	coluna 3	coluna 4	coluna 5	coluna 6
-----	nº de deportados	deportados franceses	% sobreviventes franceses registados	estrangeiros	% sobreviventes estrangeiros registados	sobreviventes registados (total)
Grupo 1 (27 de março de 42 a 7 Jul. de 42)	12949	1000	10.1	11949	2.03	344

Grupo 2 (3 de agosto de 42 a 25 Mar. 43)	38870	6600	4.4	32270	0.87	570
Grupo 3 (23 de jun. de 43 a 17 de agost. de 44)	23901	16400	9.2	7501	1.85	1652
Total 1,2 e 3	75720	24000	7.5	51720	1.5	2566

Nota: As percentagens hipotéticas das colunas 3 e 5 foram selecionadas de forma a justificar os números da coluna 6. Ao fazê-lo, assumiu-se que 7,5% de todos os deportados franceses, e 1,5% de todos os deportados estrangeiros, apresentaram-se às autoridades francesas no final da Guerra e que a mesma proporção (5/1) é dada para todos os três subgrupos nesta tabela. A proporção real de judeus estrangeiros em França, comparativamente com os judeus franceses, e que foram sobreviventes registados, foi de 4/1 para o primeiro grupo (desconhecida para os grupos II e III).

Podemos pois concluir que , atendendo às evidências aqui apresentadas, quase tudo contraria a teoria de que muitos, ou mesmo alguns dos deportados de França, foram executados à chegada a Auschwitz. O baixo número de sobreviventes conhecidos, provavelmente, dependeu principalmente do facto de uma grande parte dos sobreviventes reais ter optado por viver num outro país, que não a França, após a libertação. A taxa geral de mortalidade, entre os deportados de França foi, com toda a probabilidade, aproximadamente a mesma que entre os detidos de Auschwitz em geral, o que foi, de facto, muito elevada. As diversas causas desta elevada taxa de mortalidade, incluindo algumas execuções, não podem ser determinadas por via de métodos estatísticos como os que foram apresentados neste artigo.

Notas

Artigo publicado pela primeira vez em “Was geschah den 75.000 aus Frankreich deportierten Juden?,” in *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung* 1(4) (1997), pp. 248-251

1] Serge Klarsfeld, *Memorial to the Jews Deported from France 1942 – 1944 / Le Mémorial de la Déportation des Juifs de France*, Paris 1978.

2] V.Frankl, *Man's Search for Meaning*, Beacon Press Boston 1962

3] Mais tarde, Simone Veil tornou-se Secretária da Justiça de França e, em 1979, tornou-se a primeira Presidente do Parlamento Europeu.

4] Durante esse período, uma desastrosa epidemia de tifo assolou Auschwitz, matando dezenas de milhares de presos. Nota do editor.
